

roda viva 5

os nenses



p. r. andel

Todos os direitos reservados - julho de 2021

Vilarejo Metaeditora

www.vilarejometaeditora.com.br

Paulo Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Versão beta digital em cortesia

CPF 944.276.317/20

Capa: Andel, intervenção sobre arte de Renato Martini

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-919299-6-2



9 788591 929962

MARADONA E RIVELLINO

Diante da tragédia anunciada de ontem, as notícias foram disparadas por todos os lados. Aí resgataram o fato comprovado: o grande ídolo de Diego Maradona sempre foi Roberto Rivellino, ainda que a Flapress insista em impor Zico nessa história. Ok.

Foi pela Seleção Brasileira que Maradona conseguiu ver Rivellino jogar pela primeira vez. Lógico: em 1970 e arredores, as únicas imagens possíveis de um jogo de futebol no exterior eram as das Copas do Mundo. Porém, quando El Pibe começou a despontar na base e a chamar a atenção da imprensa argentina, o então maior camisa 10 do futebol mundial tinha endereço esportivo certo: Rua Álvaro Chaves, 41.

Para variar, omitiram o fato.

Parece coisa pequena, né?

Não, não é.

A triste notícia da morte de Maradona é um acontecimento mundial.

O processo de imposição midiática que vemos no futebol brasileiro pratica a invisibilidade do nome “Fluminense” de forma descarada.

Assim não fosse, seria muito normal escrever/falar que, enquanto brilhava nos juvenis e sonhava com uma chance entre os profissionais, Diego Maradona venerava seu maior

ídolo que, à época, era o maior jogador de uma constelação de craques que ia de Mário Sérgio a Paulo Cezar Caju, depois passando por Carlos Alberto Torres, Dirceu e Rodrigues Neto.

O mais categorizado elenco de um clube de futebol no planeta Terra – e antes que algum idiota da objetividade venha com a pecha da não conquista de campeonato brasileiro, azar do próprio campeonato. Libertadores? Idem. Favor procurar no YouTube por Fluminense 1 x 0 Bayern Munchen e pesquisar o que a base do time alemão tinha feito em 1974.

É impossível desassociar Maradona de sua idolatria por Rivellino e, por associação, do Fluminense, assim como do Corinthians. No auge da adolescência, era de inquietudes e paixões afloradas, o jovem craque argentino certamente continuou a acompanhar seu ídolo de cinco anos antes. Em 08 de fevereiro de 1975, no nascimento da Máquina Tricolor com a estreia de Rivellino pelo Flu, Maradona era um garoto com 14 anos de idade.

Relacionar Rivellino ao Fluminense não é apenas birra de torcedor. É respeitar os fatos, a história como ela aconteceu. Chega a ser assustador que, em toda a imprensa convencional brasileira, o nome do clube tenha passado em branco na triste ocasião deste 25 de novembro. E para quem considera isso tudo um exagero, devolvo com uma simples pergunta: quem já leu alguma matéria de expressão internacional com o nome de Zico sem mencionar o nome do clube da Gávea?

Nos pequenos detalhes é que descobrimos a edição da história. Num momento triste como esse, o principal é

respeitar e celebrar a trajetória do genial Maradona. Todo o resto fica menor. Contudo, vincular o mais emblemático time da história do Fluminense ao super craque argentino é apenas uma questão de lógica que a imprensa brasileira, distraída que ela só, se esqueceu de registrar.

Não chega a constituir surpresa. Há sete anos, a mesma imprensa esportiva do país se esqueceu da escalação irregular de André Santos na partida de nosso rival contra o Cruzeiro. Ninguém noticiou. Um apagão que beirou o inacreditável.

40 ANOS SEM NELSON RODRIGUES

Há exatos quarenta anos, o maior escritor do futebol brasileiro publicou sua página final.

Desde então, jamais foi superado. Porém, é certo que influenciou muitos outros escritores a contar as novas – e antigas – histórias do Tricolor.

Nelson nasceu com o Fla-Flu. Viu de perto o esquadrão dos anos 1930, o título na Lagoa, o Mundial de 1952, os Torneios Rio-São Paulo e a era de ouro em fins dos anos 1960, que se propagou pela década seguinte com a Máquina Tricolor de sonho. Seu último suspiro foi para o maravilhoso e efêmero ano de 1980.

Uma pena. A vida tem limite.

É se se imaginar as maravilhas que teria publicado sobre o toque e o voo imortais de Assis e o gol de barriga.

Mesmo nos anos terríveis, Nelson teria sido um farol, uma torre de vigia a defender o Fluminense.

É divertido cogitar o que seria o velho Nelson hoje. Provavelmente teria uma página com milhões de seguidores e desafetos, inclusive entre seus pares. Suas crônicas fantásticas teriam milhares de compartilhamentos e não seria surpresa se fosse lançado candidato à presidência do clube – com muito mais competência do que vários mandatários já testados. O que pensar das respostas que daria aos *haters*?

Talvez com Nelson não tivéssemos sido rebaixados, nem perdido aquela Libertadores, nem passaríamos a penúria dos atuais oito anos de figuração entre lutas para não cair. Seu texto era uma força da natureza que nos servia de bússola nas tempestades. E o que teria sido seu rol de crônicas sobre personagens e fatos dos triunfos de 2010 e 2012?

Constatação inevitável: uma década depois da morte de Nelson, o Fluminense perdeu o protagonismo que precisa ser resgatado o quanto antes. Abrimos mão da supremacia local, tivemos restrito brilho nacional e continental, este sem a marca da eternidade que os títulos garantem. Trocamos a humildade dos vencedores pela arrogância oca dos pernósticos figurantes.

Durante mais de meio século, o Fluminense de Nelson Rodrigues foi tão grande que o cronista previu a eternidade do clube. O maior dramaturgo brasileiro injetou poesia, drama e comicidade nas crônicas de futebol, fazendo do nosso time o objeto esportivo mais laureado da literatura nacional. Resultado: ele mesmo, Nelson, é que se transformou em uma presença perene do Flu. É a força que nunca seca: quantas vezes não recorreremos a suas frases, máximas e sentenças?

Dia 21 de dezembro de 2020. Começou o verão carioca que já nos atinge há dias. É uma bela tarde de sol. Quarenta anos depois de sua morte, Nelson Rodrigues ainda é nosso líder máximo. Esperamos que ele volte de alguma forma. Esperamos um encontro com o verdadeiro Fluminense – aquele que ele viveu como ninguém. Esperamos a próxima crônica, que enalteça nossos heróis e troque as comemorações por negociações de dívidas pela velha festa dos grandes títulos, das vitórias avassaladoras, dos craques

monumentais e dos gênios da raça, os reis da garra –
batalhadores incansáveis.

Enquanto o Fluminense não voltar a ser o verdadeiro protagonista, Nelson Rodrigues não descansará em paz. O Tricolor deve a ele um reencontro com a própria história, com a gênese, com suas raízes de triunfo. Muito do que somos devemos a ele, é preciso acertar as contas com a vocação das três cores da vitória. Honremos a memória do mestre.

FÔRÇA FLU, 50 ANOS

Neste 25 de novembro a Fôrça Flu completa 50 anos.

No modesto espaço que me cabe, vi de perto, de lado e um pouco de longe uns 40 deles.

Certamente todo mundo que vai às arquibancadas se lembra das grandes festas das torcidas organizadas, e com a TFF não é diferente. Mas o que mais me lembro da velha Fôrça é justamente o contrário: a presença nas horas de arquibancadas esvaziadas, onde o efêmero não resiste. A presença nas horas difíceis, quando muito desistiam. E também na hora da cobrança de ações por parte de dirigentes e elenco.



O fim dos anos 1970 não foi fácil. O Flu perdeu a Máquina, ficou dois anos como coadjuvante, conselheiros queriam o fim do futebol (nenhuma novidade). Mas surgiu uma luz temporária no fim do túnel: o maravilhoso título de 1980, com nove titulares formados na base, em cima do poderoso Vasco de então. Depois do triunfo, mais dois anos e

meio de amargar, com contratações vulgares, baixas expectativas e a desfeita daquele time que poderia ter durado meia década. O Flu tinha virado circo. O futuro era ameaçador.

Porém, aí entra a participação decisiva da Fôrça Flu na história do Fluminense. Dirigida por jovens audazes, instruídos e destemidos, ela passou a ser uma porta-voz da sofrida torcida tricolor. Protestos ruidosos, declarações em jornais, até mesmo um velório na geral (do qual saí correndo por medo do caixão, ficando do lado contrário ao que a turba caminhava) e uma greve da torcida em pleno Maracanã foram alguns mecanismos utilizados para mudar a ação dos dirigentes. Foram dois anos de muita luta mas o resultado deu certo: no meio de 1983, o Fluminense contratou Assis e Washington, devidamente vestidos pela Fôrça antes que desse alguma zebra na hora do contrato, e o Casal 20 somado a outras contratações, mais uma turma que já estava no clube, deu início a uma grande era gloriosa que até hoje é louvada, quatro décadas depois.

Não haveria o vitorioso Fluminense de 1983-1984-1985, que ainda brigaria por títulos até o final da década, se não fossem a persistência e a reivindicação permanentes da Fôrça Flu, vislumbrando o Flu do tamanho que ele tem que ter, e não o que alguns querem lhe impor. Somente por esse feito, a TFF já teria garantido lugar cativo na história tricolor, mas fez muito mais e aí está, viva, atuante, já pensando nos próximos 50 anos.

Quem esteve no Maracanã tricolor dos anos 1980 sabe o que era a nuvem espessa, colossal, de pó de arroz na arquibancada. E viu o ritual marcial da entrada das bandeiras das torcidas, a dez minutos do início das partidas.

E ouviu o coro incessante de apoio e de crítica, sempre que necessário. Amar não significa fazer vista grossa para os erros. A liderança da Fôrça Flu contagiou a arquibancada do Fluminense, encantando todos os garotos daquele tempo. Mais tarde, na Era Laranjeiras a partir de 1986, lá estava como uma potência em qualquer partida que fosse, nos chamados tempos sem título até 1994.

Há 38 anos, Zezé era uma liderança poderosa da arquibancada tricolor e da Fôrça Flu, ao lado de Antonio Carlos (Gonzalez). A torcida liderou uma greve da arquibancada contra a campanha do time e a incompetência dos dirigentes. Um garotinho de 13 anos, desavisado, entrou cedo na geral deserta. Mais dois ou três caras também. Logo depois, Zezé também entrou no setor e foi conversar com cada torcedor, explicando a importância do movimento (em plena ditadura) e pedindo apoio para as próximas manifestações. Mais do que um torcedor, ele era um militante. Tempos depois, o Flu recuperou seu destino natural. O garotinho daquele dia continua seguindo o Fluminense e acabou de escrever os parágrafos acima.



Zezé, Antonio, Toninho (que alguns chamavam de “Biquinho”), Montanaro, Heitor, Pagaio e tantos outros personagens notórios ou anônimos, numa enorme linha de sucessões aí estão para a história das arquibancadas do Fluminense, num tempo em que o apoio e o senso crítico eram irmãos siameses, quando não havia patrulheiros da opinião e se fazia o melhor para o Fluminense, mesmo que fosse vaiar muito, no mínimo. Os tempos mudaram, o Fluminense também mudou, a Fôrça perdeu seu acento circunflexo mas manteve seu lugar.

Parabéns, Força Flu. Obrigado por povoar os sonhos e as lembranças dos melhores anos de torcedor da minha vida. Até hoje eu persigo aquele sonho de te ver passar com as coirmãs. Até antes da pandemia, da Leste, eu olhava o presente e procurava o passado, as bandeiras, a atitude, num Maracanã que não existe exceto dentro de mim. Saudações tricolores a todos, felicidades e um grande viva! Há muito a ser feito. Por favor, não parem de fazer.

Mesmo quando eu não estiver mais aqui, meu sonho continuará.

O JOGO QUE NUNCA TERMINA

Todos falam da Copa Libertadores, todos miram na Libertadores, o Campeonato Carioca perdeu em charme, o Campeonato Carioca não é mais o mesmo, mas a verdade é que haverá Fla x Flu. O jogo que nunca termina.

Nelson Rodrigues disse muitas vezes que o Rio de Janeiro era triste e vazio até que o Fla x Flu inventou a multidão. Dessa vez, por conta da tragédia que vivemos em torno da Covid-19, novamente teremos uma necessária decisão sem público, assim como no ano passado. Quem viveu o Fla x Flu de outras épocas sabe o que era o mar de gente no jogo imortal.

O Fla x Flu é mistura e alternância: alegrias e tristezas, emoções misturadas, disputas épicas, fantasia, folclore e imensidão. Carrega consigo uma curiosidade em sua tradição centenária: geralmente o favorito dança. O maior Flamengo de todos os tempos, com Leandro, Júnior, Adílio, Zico e companhia, sofreu com os pés de Valtair, Zezé Gomes e Amauri - quem se lembra do monumental Andrade escorregando e caindo? A Máquina Tricolor também tropeçava para o time rubro-negro de Radar e Marciano. Nos tristes tempos dos rebaixamentos tricolores, ao final dos anos 1990, o Fluminense não deixou de bater no Flamengo com Nildo, Alcindo e Dirceu. Logo, favoritismo é algo que não conta muito nesse clássico

Do primeiro 3 a 2 Tricolor em 1912 até aqui, são quase 111 anos de muita luta, histórias e sonhos. Desde aquele jogo inicial, os irmãos Karamazov do futebol brasileiro não se cansam de disputar uma luta de boxe com um milhão de

assaltos, que vai continuar nos dois próximos sábados à noite.

Na história do clássico, o Flamengo venceu mais na estatística documentária. Já nos momentos decisivos é o Fluminense que prevalece. Fatos, lendas e contraditórios que vêm de Marcos Carneiro de Mendonça de Domingos da Guia, de Zizinho, Castilho, Dida, Didi e muitos mais.

Ok, existe favoritismo no Fla x Flu a priori, mas ele acaba sempre parando à beira do gramado enquanto os jogadores entram em campo. Pode acontecer qualquer coisa. E tome lembranças.

No abarrotado Fla x Flu de 1963, no último minuto Escurinho acertou o travessão e o Flamengo foi campeão com o empate em 0 a 0.

Cristóvão driblando Manguito maravilhosamente em 1979, fazendo um golaço nos 3 a 0 para o Flu.

Lico deu o troco em 1981, um gol de placa por cobertura, Flamengo 3 a 1.

Assis e Assis. Renato Gaúcho!

No final dos anos 1980, o Flamengo deu duas goleadas impiedosas no Fluminense, 4 a 0 e 5 a 0, mais os 4 a 2 na final de 1991. O Flu devolveu em parcelas, 3 a 0 e 4 a 2 em 1994, até que veio 1995 e o maior jogo de todos os tempos, precedido por duas vitórias e um empate. Quem viu, não tem dúvidas: nada se comparou àquilo.

O Fla x Flu também inventou o chororô: em 1941, no famoso Clássico da Lagoa, criou-se a lenda da cera tricolor chutando as bolas fora do estádio. Coube a Roberto Assaf, craque rubro-negro do jornalismo, desmentir a pantomima no livro que escreveu com Clóvis Martins, pesquisador tricolor. Sérgio Britto, um dos maiores atores brasileiros de todos os tempos, foi ao jogo e também desmentiu a cera.

Muita gente vestiu a camisa dos dois clubes: Nunes, Uidemar, Zezé, Charles Guerreiro, Roni, Romário. Aílton foi desprezado no Fla e virou herói no Flu. Pedro foi criado em Xerém e agora louva o Mengão.

Nos tempos do verdadeiro Maracanã, a massa rubro-negra que tomava todos os centímetros possíveis do Maracanã, berrando loucamente a plenos pulmões, oprimindo quem estivesse do outro lado da arquibancada. Em contrapartida, vinham o charme e a beleza da maravilhosa nuvem de pó de arroz entrecortada por centenas de bandeiras tricolores. Um show do contraste de cores. Mãos ao alto comemorando, gritos de "uhhhhhhhh" que ecoavam pela maravilhosa cobertura de concreto. O querido placar de lâmpadas desenhando escudos e nomes inesquecíveis.

Com o tempo, a corruptela do nome do clássico virou verbete. Quando há lados diametralmente opostos num debate, diz-se que é um Fla x Flu.

O que vai ser agora em 2021, ninguém sabe. O Flamengo tira foto de favorito. O Fluminense é a mosca na sopa.

Os dois velhos adversários íntimos, parecendo o leão e o tigre andando numa mesma calçada de Nova York, feito o escrito de Tom Wolfe.

Vai ter um Fla-Flu. Dois Fla-Flus. Vale título.

O Rio sofre, agoniza com a miséria, a violência e a pandemia. O cheiro de rua triste é uma constância, as pessoas estão trancadas ou cabisbaixas em calçadas desertas, mas nas próximas duas noites de sábado haverá trégua para o sorriso e a boa emoção. Os corações vão se sentir mais aquecidos.

Afinal, é Flamengo e Fluminense, é a novela emocionante com quase 110 anos de história.

Fla x Flu. O jogo que nunca termina.

FLUMINENSE TRINTÃO: 1991

Posso dizer que o último domingo foi um pouco diferente para mim.

Pensando em coisas de tempos atrás, muito tempo, e pesquisando na internet.

Hoje em dia a gente não tem mais os jornais em papel, mas pode navegar pelo Google, pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional e achar as coisas mais interessantes em relação a tudo que queremos, não é mesmo? Inclusive nossos times, nosso bom e velho futebol.

Num estalo me encontrei com o Fluminense de 30 anos atrás, o de 1991, aquele que tinha dificuldades de grana e conquistas. Passava alguns anos sem ganhar um título, mas reunia uma empolgação, uma beleza que é difícil de descrever, até mesmo de entender. Naquele momento, o Flu tinha acabado de contratar dois jogadores muito importantes: Bobô, que ficou pouco tempo no clube, mas deixou sua marca, e Ézio, um artilheiro que foi galgado à especialíssima condição de super-herói. Enfim, uma figura carismática e fundamental na história do Tricolor.

Abro o velho Jornal dos Sports, que já não é mais cor de rosa na tela do computador, e começo a me deparar com a alegria do Fluminense nas duas primeiras partidas no Campeonato Brasileiro, jogando nas Laranjeiras, fazendo a torcida sorrir e comemorar vitórias sobre Palmeiras e Goiás. Era uma promessa que não se confirmaria, mas que emanava confiança, vontade e prosperidade. O Flu tinha um time humilde, de pouco investimento financeiro e de

jogadores em sua maioria desconhecidos, que não seriam campeões, mas queriam disputar títulos.

Aliás, durante todo o tempo em que Ézio passou pelo Fluminense, entre 1991 e 1995, o time disputou títulos. Não deixa de ser irônico que o maior de todos eles tenha sido em seus últimos momentos como jogador do clube, ao dar o primeiro toque no campo adversário, cujo desfecho seria o gol de barriga de Renato Gaúcho.

Ézio era mais do que um grande artilheiro e ídolo do Fluminense. Era um jogador marcado pela simpatia permanente, pela atenção que dedicava a todas as pessoas que lhe procuravam no clube. Não deixava ninguém sem cumprimento. Sempre simpático, não deixava alterar o humor. Inclusive no próprio ano de 1995, ele passou por uma má fase, ficou no banco de reservas, mas aceitou sem reclamar. Era um gentleman.

Trinta anos depois, eu lembro de Ézio e da alegria que eu tinha nas Laranjeiras com meu time, mesmo sabendo que eram tempos difíceis tanto para o país quanto para nossa torcida e para mim mesmo. Era difícil, mas bom.

Neste domingo passei por sensações estranhas. Enquanto o Flu perdia o jogo no Campeonato Carioca para a Portuguesa, duas horas depois confirmava sua participação na fase de grupos da Libertadores 2021. Tudo isso sem torcida presente pelo momento em que vivemos, o que é inevitável.

Mas aí pensei tanto naqueles tempos de Laranjeiras, naqueles tempos de torcida unida, de promessa e esperança de quebrar uma situação desagradável que a gente já não

conseguia há tempos. Era ilógico para o torcedor do Fluminense ficar anos sem títulos por ser uma situação muito rara, que só acontecera até ali em uma única vez, quando o clube ainda tinha o futebol amador, entre os anos 1920 e 1930.

Bobô era elegância, era sofisticação, um jogador de qualidade refinada misturada com a natural ginga baiana, depois homenageada grandiosamente por Caetano Veloso na canção "Reconvexo". Deveria ter ficado mais tempo no Fluminense, uma pena.

Ézio logo se deu bem com ele. Era o artilheiro nato, oportunista, vibrante, rápido, que acreditava em todas as chances de gol e não deixava passar nada. Não foi à toa que se transformou num dos maiores artilheiros da história do Fluminense.

Lembro também do meu tempo de garoto. Eu era um jovem universitário Estudava na UERJ. E vivia muito feliz em ver as partidas no Maracanã, bem do lado da minha faculdade, ou em Laranjeiras, geralmente nos finais de semana acompanhando meu clube. Era sempre uma festa aquele lugar, é um barato para se assistir jogos e quem já passou por isso sabe o que eu quero dizer. Laranjeiras tem o gosto da casa dos tricolores.

Trinta anos depois, eu ainda amo bastante futebol, mas bate certa saudade inevitável. Passou rápido demais e tudo está muito vivo em minha memória. Deve ser coisa da elegância sutil de Bobô ou dos gestos precisos de Ézio, o mais humano dos super-heróis. Nem falei de Válber e Torres, nem do Renato, que na verdade se chama Laércio. Fica para a próxima.

ÉDSON MAURO NA ÁREA

Deitado em minha cama, a mesma onde nasci e onde meus pais morreram. Antigamente a cabeceira era de palhinha, até que a minha mãe trocou por compensado. Ficou bom. Quando eu era bem pequeno, a cama era gigantesca, mas continuo gostando hoje e não a troco por nenhuma dos vários hotéis onde já me hospedei.

Tarde de sábado, o Fluminense vai jogar com o Sport no começo da noite. Nada de TV, internet, tempo real. O velho radinho não funciona mais, há muito tempo, mas mexo no celular e acho a Rádio Globo. Eu só quero o som do jogo.

Não tem mais radinho, nem 1220, nem Rua do Russell, 434, Glória. Não tem mais rampa da UERJ, arquibancada de cimento, uhhhhhhh trepidando a marquise. Agora não tem nem público, paciência. Vamos ao FM, 98,1.

A voz inconfundível de Edson Mauro na narração.

Eu o conheci há mais de 40 anos. Adorei seu jeito divertido de narrar. Para completar, o Fluminense venceu e achei que o locutor deu sorte ao Flu. Nos clássicos, eram Jorge Curi e Waldyr Amaral, nos outros jogos era Edson Mauro, co-mu-ni-caaan-do. Meu Flu de Miranda, Tadeu, Edinho e Carlinhos. Tinha China, Perivaldo e Mendonça. Catinha, Roberto e Zandonaide. Luisinho Lemos e Renato. Té. Anapolina.

Cantarele e Mazzaropi todo mundo conhece. Meus goleiros são Leite, Gato Félix e Jurandir. E Ernâni. Braulino também. Jair Bragança! Borrachinha! Zé Carlos!

Edson Mauro com sua voz cristalina, impactante e eterna. O jogo vai começar. Volto a ter dez anos de idade, sonho com meus pais conversando por perto, lá vai o Fluminense de 1978 no radinho que o smartphone ajuda a reavivar. Certa vez o Edson esteve presente numa homenagem do Cinefoot, o fabuloso festival de cinema de futebol. Foi a única vez que o vi, mas tive vergonha de cumprimentá-lo: falar com ídolos não é fácil.

Procuro por defesas de Wendell. Ataques de Miranda, o Trésor brasileiro. Quem se lembra de Marius Trésor? Um zagueirão, cracaço francês que influenciou muita gente, de Mozer a Aldair. Será que vai ter Cléber e Pintinho? Doce ilusão, os tempos são outros.

E o Sport? Não tem País, nem Marião, nem Denô, que era um terror e nos venceu naquele tempo.

O primeiro tempo acabou meio chocho, com o Rubro-Negro tendo um jogador expulso. Zero a zero. Sonho com aquele copo gelado de Coca-Cola espumosa vendida pelos astronautas da arquibancada. O cachorro quente. Não há nada. Meu único tesouro da infância é a voz inconfundível de Edson Mauro, acompanhado por meu querido amigo Rafael Marques, que sabe tudo e vi começando em rádio, agora um comentarista consagrado. Rafael é mais suave e polido do que o velho herói João Saldanha, que teria esculhambado o Fluminense neste jogo.

Olho para o teto e sonho com o velho placar de lâmpadas do Maracanã, informando os jogos da Loteria Esportiva e do Campeonato Carioca.

Volta o jogo e Edson Mauro segue a narração simpática de sempre. Algo me lembra de uma canção de Gil: "sempre rindo e sempre cantando". E dá sorte para o Flu, eu tenho certeza disso porque tenho dez anos de idade. Minha certeza infantil atesta que um narrador pode decidir as partidas para o meu time. Você entende o jogo direitinho quando ele é o narrador.

O jogo é fraco no rádio, tudo bem. Na TV e no Whatsapp ele fica bem pior. As mensagens não param. Sigo concentrado porque Edson Mauro não vai me trair e há de narrar um grande gol do Flu, até que a fantasia senta na cadeira dos fatos e pimba: 1 a 0. Gol, grande gol, meu amor.

Estou com os pés no estrado da cama. Bem que minha mãe podia apertar meu pé direito e dizer "Pequeninhoooo". Era bom demais, tão bom que choro.

O Sport não tem Roberto nem Denô no ataque, a derrota de 1980 e 1981 não se repetirá, nem Maracanã é: estamos no Nilton Santos, casa do Botafogo, lugar de sorte do Fluminense.

O radinho simulado ainda tem sua magia. As mensagens não param. Edson Mauro com sua voz imperial atravessa as décadas. Impecável desde os tempos de Alberto Rodrigues, Danilo Bahia e Antônio Porto. Simmmm, Portooooooooo!

Saudades de ouvir "Su-derjjjj in-formaaa". Victorio Gutemberg, nunca mais. O rapaz do Maracanã atual grita muito.

No fim do jogo o valente Sport pressiona mas não chega. É o Flu de uma vitória magrinha, humilde, um golzinho e o narrador infalível conta mais uma vitória tricolor. Tem sido assim nos últimos 40 anos.

Heber Roberto Lopes encerra o jogo. As luzes do Maracanã não se apagam. Eu vejo Rubens Galaxe, eu vejo Robertinho e Silvinho do outro lado, ele que era tão nosso. O meu time todo de branco numa paz monumental, juro que era assim e que saíamos felizes ao descer a rampa do Bellini. Antes, o velho placar de lâmpadas escrevia "Boa noite" e tínhamos a sensação do dever cumprido, pouco importando se foi uma vitória ou não. Agora estamos no Nilton Santos, não há público nem placar de lâmpadas, mas o futebol resiste.

Acontece um estalo. A fantasia acabou. Pulo dos 10 para os 52 anos. Estou sozinho no quarto, sem pai nem mãe, sem irmão nem esposa, mas meu time venceu o jogo e eu trocaria tudo para poder voltar a 1979 ou 1980, quando meu mundo era não tirar nota vermelha, jogar bola na praia de Copacabana, na vila, em frente ao shopping center e jogar botão debaixo da escada rolante com Augusto, Luis, Marcelinho e Chapecó.

É sábado à noite. Sou eternamente agradecido a Edson Mauro. Ele é trilha sonora da minha vida. A voz do jogo, o som do gol, a diversão: bingo! Quando ele conta as histórias de uma partida, meus pais são imortais conversando da sala. Não acredito que já se foram quarenta anos: tudo é brevidade. Soube que o America empatou à tarde, vou torcer muito por Deola e Richarlyson, o filho do Lela.

Quarta-feira que vem tem outro jogo. Tudo recomeça nesse eterno presente em que vivemos. Marque o tempo.

O tempo.

O FLUMINENSE NUMA CAIXINHA DE MENTOS

Foi há quase duas semanas, na quinta daquela ridícula eliminação diante do Atlético Goianiense pela Copa do Brasil.

Estava em cima do laço para chegar ao trabalho quando resolvi pegar o VLT na Estação Colombo, que fica na esquina da Rio Branco com a Sete de Setembro.

O mini trem já era visto na outra quadra, cortando a Primeiro de Março. Enquanto isso, gente apressada, gente com os olhos nos smartphones, gente ávida pela abertura das portas em dois minutos.

Um rapaz na luta, muito educado, oferecendo caixinhas de Mentos aos passageiros. Tudo na situação que vivemos hoje em dia, de extrema dificuldade. Notei que ninguém comprava. Difícil.

Vi o trocado que tinha e o chamei. Eu também sou pobre. No retorno, reparei que o vendedor usava uma camisa laranja do Fluminense.

Pirata, compreensível.

Não entro aqui na discussão infrutífera a respeito, mas lembro que todo mundo tem direito a vivenciar o seu amor. Se o clube historicamente não tem atenção para modelos populares, sempre irá perder para o mercado da pirataria, porque o torcedor quer vestir a camisa do seu amor. Simples.

Uma camisa laranja, esgarçada, poida, mas orgulhosamente vestida pelo dono. Ali estava a dignidade, o

respeito, a batalha que cerca o escudo do Fluminense desde sempre.

Chamei o rapaz. Tinha pouquíssimo tempo. Comprei duas caixinhas. Ele ficou todo contente. Logo lhe disse que mais tarde tinha Fluzão. Ele abriu um sorriso enorme debaixo da máscara, perceptível pelo movimento dos músculos da face.

Falei que tínhamos que ir com tudo para buscar a classificação. Ele concordou e disse que mal via a hora do jogo começar. E ali não havia nada além de dois garotos sonhando com a vitória do time de coração, perseguindo aquele sonho que é chama a alimentar o coração de todo mundo que gosta de um time de futebol.

Veio o mini trem. Trocamos um abraço de cotovelo. Ele saiu feliz por alguns instantes, mesmo diante de uma realidade tão terrível que é essa de lutar diariamente contra a morte, não por causa de uma doença mas de dinheiro, da necessidade de sobrevivência.

Eu devia ter perguntado seu nome, não deu tempo. De onde era, também não deu. Devia ter me atrasado para o trabalho, do qual também ando tão precisado.

A caixinha de Mentos ainda está aqui em casa. Já se passaram duas semanas. Eu torço por aquele rapaz. Torço para que consiga superar essa fase tão difícil. E agradeço a ele pelo bom sentimento que passou. Muito melhor do que duzentos tuiteiros de esgoto e trezentas picocelibridades que falam para ninguém, sem contar os picaretas que hoje vão o que aplaudiram diariamente por cinco anos na então “oposição” do clube.

O Fluminense não pode se limitar a escalões exóticos, substituições extraterrestres, empresários que zoam da cara de torcedores, jogadores que entram e saem num piscar de olhos sem ninguém entender o motivo. Jogadores que começam bem até subitamente atuarem mal, quando então torcedores começam a xingá-los em bloco no Twitter e pronto: está criado o clima ruim para uma negociação imediata, que não dá retorno esportivo nem financeiro adequadamente. Uma sequência que se repete dezenas de vezes nos últimos anos.

Muitos de nós também precisam ultrapassar obstáculos da pesada. Diante de uma vida tão amarga para tanta gente no Brasil, o futebol vai muito além da paixão e do gosto: é um bálsamo de vida. Entendam: perder é do jogo. O problema é como se perde. E a verdade é que o Fluminense de hoje só existe como protagonista nos sonhos de seus torcedores, e nem todos.

O maravilhoso mundo das gestões que pretendiam “salvar o Fluminense da Terceira Divisão” completará oito anos daqui a um mês. Oito anos sem títulos relevantes, com eliminações ridículas em copas e com cinco lutas contra o rebaixamento em sete temporadas. Pior do que 1986-1994.

#####

Penso nos meus pais que se foram. No meu irmão que está longe. Nos colegas de arquibancada que nunca mais vi. Em tanta gente querida que também já não está por aqui.

Penso em quando era um garoto, quando a grave crise do Fluminense sem dinheiro era ter Wendell, Moisés, Edinho,

Pintinho, Mário, Zezé, Robertinho, Renato, o eterno Rubens Galaxe, Miranda – o Trésor brasileiro. Cléber.

#####

Meu abraço ao rapaz que me vendeu a caixinha de Mentos. Ele é um tricolor de dignidade. Ele não merece o que estão fazendo com o Fluminense.

#####

Leo Prazeres, co-fundador do PANORAMA:

“Eu acho que comprei Mentos com esse cara também. Ali na Rua da Assembleia. Comprei porque ele estava com a camisa do Fluminense também. Eu nem gosto de bala.”

COM A BÊNÇÃO DE JOÃO DE DEUS

Quarenta anos depois, o Fluminense de 1980 desperta saudades dos cinquentões em diante. E neste 30 de novembro, é o aniversário de um inesquecível time tricolor, campeão diante de adversários fortíssimos.

Naquele tempo o Flu vivia uma crise. Não tinha dinheiro e vinha de três anos sem conquistas, algo até então raro na trajetória tricolor. Para piorar, fez uma péssima Taça Guanabara (naquele ano, uma competição separada do campeonato carioca). Por fim, perdeu seu treinador, Zagallo, que foi para o Vasco dizendo que queria ser campeão.

Ao Tricolor, restou a reconstrução. Um time com vários jogadores jovens, todos formados nas divisões de base do clube, somados a dois reforços: Gilberto, excelente meio campista que veio do Atlético Goianiense mas tinha começado no Botafogo, e Cláudio Adão, um craque mas de futuro incerto depois de praticamente ter sido enxotado de Botafogo e Flamengo. Para liderar a equipe, ficou Edinho, craque de Seleção.

Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens Galaxe; Deley, Gilberto e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. O treinador, Nelsinho - uma fera de Madureira e Flamengo nos anos 1960. Mas é justo falar de Mário Jorge, jovem ponta-direita que jogou boa parte do campeonato no lugar do contundido Robertinho.

O Fluminense começou sua campanha longe das manchetes do favoritismo, mas a garotada foi ganhando espaço. Um ponto marcante da jornada foi a goleada por 4 a

O sobre o Botafogo, devolvendo o placar do ano anterior e com uma atuação de gala de Cláudio Adão, autor de dois gols. Depois o Flu empatou com o poderoso Flamengo campeão brasileiro (1 a 1) e virou em cima do não menos poderoso Vasco de Roberto, Guina, Paulo Cezar Caju e Pintinho (2 a 1). O Tricolor e o Cruz-maltino terminaram empatados no turno e foi preciso um jogo extra para a decisão do turno. Deu Flu na disputa de pênaltis, 4 a 1 com o brilho do goleiro Paulo Goulart nas cobranças, garantindo o time na final do campeonato.

No segundo turno, a equipe tricolor fez uma campanha irregular. Mesmo assim, não perdeu para os chamados três grandes, empatando com Flamengo e Botafogo em 2 a 2, mais o Vasco em 3 a 3. O Flamengo sonhava com a final mas o Serrano de Anapolina lhe impôs uma vitória histórica e o Vasco faturou o segundo turno. No final das contas, o Flu engoliu a seco mesmo foi diante do America, que o derrotou nos dois turnos.

A partida final foi disputada numa tarde de chuva no Maracanã. A torcida do Fluminense repetiu o canto de João de Deus, cantado em boa parte da competição - era o tema de homenagem ao Papa João Paulo II, que veio ao Brasil naquele ano. O Vasco tinha um timaço mas era difícil encarar a garotada tricolor. Aos 22 minutos do segundo tempo, Edinho marcou de falta o gol que garantiu o título que quebrou a sequência rubro-negra no futebol carioca. O outrora desacreditado Cláudio Adão foi o artilheiro do campeonato, e Edinho foi o craque do começo ao fim, mas o Fluminense tinha muitos recursos: Mário e Zezé eram rápidos, com suas canhotas mortais e bons chutadores; Robertinho e Gilberto eram extremamente habilidosos e, para completar, o Brasil via um craque de grandes passes e

lançamentos surgir no pedaço - Deley, fera! Foi o último campeonato de Cleber, tetracampeão carioca pelo Fluminense.

Eram tempos de Maracanã lotado, clássicos para mais de cem mil torcedores, a monumental nuvem de pó de arroz e um maravilhoso time que encarou seus grandes rivais olhando de cima. O Canal 100 mostrava tudo antes das sessões de cinema. João Saldanha comentava, Jorge Curi e Waldyr Amaral narravam, as bancas de jornais ficavam alinhadas às segundas-feiras - cheias de gente espiando as manchetes do futebol carioca. E a decisão de 1980 também foi marcada pela despedida de dois ícones tricolores, que também são admirados por todo mundo até hoje: Cartola, a maior expressão da história do samba, que morreu no dia do título tricolor, e Nelson Rodrigues, cuja última crônica (ditada para seu filho, o jornalista Nelsinho Rodrigues) foi a da celebração da conquista - o maior dramaturgo da história do país morreria 21 dias depois da volta olímpica tricolor.

Quarenta anos depois, o jovem e desacreditado Flu de 1980 é uma página eterna da história do clube. Uma equipe de enorme talento individual, muito empenho coletivo e um jovem craque de 25 anos que liderava o time de ponta a ponta, desarmando, marcando, arrancando para o ataque e fazendo gols: Edinho. Ele foi uma grande herança da imortal Máquina Tricolor e um dos maiores zagueiros da história, não só do Fluminense mas também de todo o futebol brasileiro.

Dos campeões de 40 anos atrás, há muitas imagens, mas a mais significativa é a do treinador Nelsinho à beira do campo no dia do título. Sereno, protegido da chuva por um capuz plástico no banco de reservas, ele mostrou ali a

mesma categoria que desfilou antes nos gramados cariocas.
Simples e tímido, mas de uma competência enorme.

POR QUE TENTARAM ALIJAR XEXÉO DO FLUMINENSE?

A morte do escritor, jornalista e dramaturgo mexeu com o emocional de muita gente importante na imprensa e na vida cultural brasileira. Contudo, uma situação me chamou atenção: em diversos momentos tanto na Globo quanto na GloboNews, ao ser mencionado o fato de Artur Xexéo ser torcedor do Fluminense, imediatamente alguém dava a réplica dizendo que isso era por acaso, que ele não ligava para futebol, enfim, num tom estranho que parecia querer minimizar o fato.

É certo que Xexéo não era um torcedor das arquibancadas, mas nem precisava sê-lo: João Gilberto, por exemplo, foi um apaixonadíssimo torcedor do Vasco, embora não haja registro de suas passagens pelo Maracanã ou mesmo São Januário. Aliás, não há registro da presença de João em quase nenhum lugar, exceto no Olimpo da nossa música popular. Gilberto Gil e Maria Bethânia são torcedores apaixonados do Fluminense, ele dedicadíssimo e ela mais pela paixão que aprendeu com o pai. Os dois me falaram pessoalmente. Nossa maravilhosa Fernanda Montenegro é absolutamente tricolor, e não se espera que conheça todas as escalações que tivemos no século XXI. Vale o mesmo para Ângela Rô-Rô. Já a atriz Fernanda Rodrigues sabe tudo de Fluminense. O bom Serguei, de quem tenho a honra de ser biógrafo, estava sempre de olho no Fluminense, louco por Fred, mas sem esquecer do nosso time dos anos 1950, em especial Castilho, definido pelo biografado como um homão.

Por que se deveria evitar o fato de Artur Xexéo ser torcedor do Tricolor? Um negócio sem pé nem cabeça.

Nesta terça, me deparei com uma postagem de Ricardo Cravo Albin, uma das referências da pesquisa musical brasileira e, claro, torcedor do Fluminense, falando sobre Xexéo. E aí o mestre não deixou dúvidas:

nas quatro Copas do Mundo a que ele compareceu não como conhecedor de futebol, mas como observador do cotidiano. Ali ele transcreve pequenas originalidades que seu olhar agudo captava dentro do campo e, sobretudo, longe dos refletores da arena, abordando minúcias tanto de jogadores quanto de torcedores, com ironia ou por vezes comiseração.

Tricolor de coração, mais silencioso que barulhento, Xexéo acalentou uma admiração fervorosa, o goleiro Castilho. Por que Castilho? Perguntei-lhe como tricolor que sou. Em cima a resposta "Porque você gosta tanto do Pixinguinha? São paixões e paixões não se explicam".

E então Xexéo, celebrado merecidamente pelos colegas como uma biblioteca ambulante, recheada de nomes de atores, peças, filmes, novelas e quinquilharias das ruas – no melhor estilo do botafoguense Ivan Lessa -, levava como uma de suas referências o goleiro do seu time. Qualquer que seja a justificativa, ela passa pelo torcer. Não se idolatra Castilho em vão.

Lembro de um nome fundamental da história da imprensa esportiva brasileira, dotado de texto primoroso, que era um apaixonado torcedor do Fluminense, embora jamais tenha demonstrado em público: Teixeira Heizer.

Com o tempo, a imprensa apagou as paixões de Tostão e Leônidas da Silva pelo Fluminense. Você, que me lê agora, sabia disso? Que Artur Xexéo descanse em paz, deitado em berço esplêndido das três cores, queiram ou não os que tentaram minimizar seu sentimento tricolor.

CARTA PARA UM AMIGO TRICOLOR

Diga, mestre,

As coisas não andam nada fáceis para o mundo. Sabemos disso. A cada dia a opressão atordoa as pessoas numa terra de injustiças, egoísmo e rancor.

Pois bem, conversamos nos últimos dias em função de tudo o que aconteceu e, por isso mesmo, reitero meu abraço a você. Passei por situação semelhante envolvendo três tios e, por muito pouco, não me alinhei a eles. Mas é sabido que você ganhou um amor gigantesco de centenas, milhares de pessoas e provavelmente esse é o única razão do tempo em que estamos por aqui: trocar amor. O resto não faz muito sentido.

Assim como conversamos, está tudo muito errado: é desumano ser indiferente a uma pessoa com fome, ou dormindo numa calçada, ou vagando pelas ruas completamente entorpecida para se esquecer da tragédia diária. Não seria difícil resolver isso, não fosse um único problema: o ser humano. Ele é que destrói as pontes que ergueu um dia.

Vamos falar do Fluminense, do nosso Fluminense. Não propriamente o de agora, parado – com razão – por conta da pandemia. Nestes dias lançaram as camisas novas, muito bonitas – eu acho todas bonitas, até a famosa de bolinhas em 1992 ou 1993. Foi legal ver Xamã cantar: a juventude toca, ele é um garoto vindo da pobreza e apaixonado pelo

Flu. Agora tem milhões de fãs e demonstra o mesmo sentimento.

O nosso Fluminense do Edinho, lembra? Falamos disso. Igual a ele não vai ter outro, arrancando da defesa para o ataque, marcando gol de cabeça da risca da grande área, cobrando faltas imperdíveis. Perdendo ou ganhando, tinha esporro: ele queria sempre ganhar! Naquele tempo a gente não era amigo, infelizmente. Fui muitas vezes ao Maracanã sozinho, com minha solitária bandeira costurada pela minha mãe, de geral mesmo para economizar, 1981 e 1982. O time estava em crise, a torcida pressionava com justiça e daquilo nasceu o grande tricampeão.

Quando a gente passa dos cinquenta, por mais que haja muito a ser feito – e há, especialmente por você – sempre fica alguma busca pelo passado no futebol. Não creio que se trate de saudosismo: simplesmente era melhor mesmo. Os olhos de menino veem o mundo com mais amor e com a vantagem de toda uma vida pela frente. Os garotos de agora estão construindo suas histórias de amor ao Flu. Deve ser mais difícil porque os jogadores já não ficam muito tempo e pouca gente veste a camisa com aquela vontade de acertar. De lá para cá, o Romerito e o Conca. Pela vontade, o Marcão. Só.

Tenho muita saudade do Maracanã que Sergio Cabral acabou de assassinar. Aquele cheiro de pó de arroz escorrendo pelo concreto cinza, torcendo loucamente para que o Fluminense vencesse mesmo que Neinha, Fanta e Parraro não emplacassem. Por que o Gilcimar não foi um monstro, não sei. E o Cléber, que parou cedo? Tadeu deu bobeira...

Era um sonho ver os jogos dos juniores no domingo de manhã nas Laranjeiras. Você passava do portão da Pinheiro Machado, dava três passos e já se deparava com um calhamaço de glórias. Eu fazia jornada: para dar uma volta boa, meu pai vinha a pé comigo até a Siqueira Campos. Aquilo para mim era uma grande marcha, então chegava em casa muito orgulhoso e dava um beijo na minha mãe. Agora, o melhor mesmo era se, depois do banho, o pai dissesse “Vamos comer, hoje tem Maracanã”. Eram os momentos mais felizes da minha vida e passaram rápido. Coisa que poucos entendem, nenhum espírito de porco entende – só querem a objetividade idiota que Nelson Rodrigues sempre desprezou com justiça.

E o Futebol Cards, hein? Ontem o Alexandre Goulart postou uns maravilhosos. Tinha foto da Máquina. Meu Deus que não tenho, como pode alguém desrespeitar a Máquina? Será que não entenderam que milhares e milhares de cinquentões tricolores nasceram dela? Aquele fascínio em ver o melhor time do mundo, que estonteava os adversários só pela escalação. Dizem que a Máquina ganhou pouco, coitados. Azar dos ganhos.

Meu Fluminense era um escudo bordado vendido na Kayat Sport da Figueiredo Magalhães. O dono era o Seu Carlson, que foi árbitro e um super lutador – tem até estátua dele na Figueiredo com Tonelero. Joguei bola e botão com o Carlsinho, filho dele, gente boa, disputou uma Olimpíada, nunca mais vi. E dava pra comprar um número verde bonito que você grudava na camisa passando ferro quente. Faltava ainda a camisa Hering branca. Ah, minha mãe, que passou roupas, fez muitos cabelos e unhas para me dar o Fluminense de presente num escudo bordado.

Meu amigo, aquele nosso Fluminense tinha sabor de copo de Coca-Cola espumante na arquibancada, vendida por astronautas proletários nos degraus da arquibancada no Maracanã. Lembra das almofadas cinzas e grenás que eram vendidas lá fora com o escudo? E do ritual das bandeiras, às quinze pras cinco? A fila indiana vinda do primeiro acesso à esquerda da Tribuna de Honra (onde se sentou muita gente desonrada), as grandes bandeiras subindo: Jovem, Fôrça, Fiel, Young, Garra. Então éramos abraçados por uma nuvem sem fim de pó de arroz e finalmente estávamos no céu. Todos os corações do mundo em três cores. Ninguém fala, mas a torcida do Flamengo do outro lado, gigantesca, se falava. Eles viveram a história.

O Fluminense dos radinhos de pilha com os sinais de rádio ecoando por todo o Maracanã, especialmente nos minutos finais de um clássico com mais de cem mil pessoas, era o mesmo Fluminense dos jogos humildes com dois ou três mil torcedores – eu estava naquela virada contra a Portuguesa em 1994, junto com o Flavão, para seiscentos presentes.

O Fluminense dos molequinhos descalços, pedindo moedas na bilheteria – mesmo – e quando ganhavam um ingresso, quase enlouqueciam de tanta alegria, passando a roleta e subindo a rampa como se tivessem ganho o prêmio mais importante do mundo. Muitas vezes meu pai comprou para eles, mesmo quando já estava pobre. Isso faz falta demais: a generosidade. Nós chorávamos. Era o Fluminense.

De lá pra cá, muita coisa aconteceu e estamos aqui vivos, com muito pela frente – você bem mais do que eu. Hoje é sábado, não tem jogo, estamos trancafiados porque é preciso, a vida precisa melhorar. Faça todos os

documentários, é preciso. O Brasil precisa do cinema. Dizia Glauber Rocha: “A palavra é cinema”.

Wendell, Miranda, Moisés, Edinho e Carlinhos. Ou Pintinho, Cléber e Rivellino. Ou Gil, Doval e Paulo Cezar Caju. Ou Gilcimar, Amauri e Paulo Lino? Bobô e Super Êzio.

Deley, Gilberto e Mário. Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens Galaxe. Nelsinho no banco.

Fazer o bem, seguir em frente, procurar a cada quarta e domingo aquele velho escudo bordado em algum lugar da TV ou no estádio, mesmo gourmetizado. É que o sonho não dorme nem cessa.

Aquele velho abraço.

AINDA SOBRE A MÁQUINA TRICOLOR

Sete da manhã de domingo de Carnaval. Por aqui, que silêncio! Tempo nublado. Ok, vão ter blocos e muita barulheira, mas agora a mudez é uma regra. Nenhum som de automóvel, ninguém cantando um samba ou sequer brigando. Nada. Nada.

Ontem, não pelo calendário mas pelo simbolismo, foi o sábado de Carnaval número 45 desde que a Máquina Tricolor começou a encantar o mundo, na goleada por 4 a 1 sobre o Corinthians na estreia de Rivellino. Foi outro dia, mas já tem quase meio século, o que mostra a velocidade dos tempos e também o fascínio que aquele time provoca no imaginário tricolor. Desde aquele breve e inesquecível biênio 1975/1976, o Fluminense já conseguiu ganhar muita coisa, viveu e superou dramas terríveis, mas nos últimos anos tem sido uma espécie de pária: vive num limbo e no máximo luta contra a morte. Tomara que outros tempos comecem duma vez.

Voltando àquele sábado de Carnaval de 1975, ele foi na verdade o primeiro dia de uma festa momesca que durou dois anos. O Fluminense foi então o time mais falado, admirado e cortejado do mundo, chegando a ganhar do Bayern Munchen – base da Alemanha campeã mundial de 1974 – com um gol contra de... Gerd Muller, então o maior artilheiro de todas as Copas do Mundo. Não é à toa que a maior média de público da história do Flu é de 1976: cerca de 45 mil pessoas por partida.

Passou o sábado de Carnaval, passou o velho sonho da Máquina cativando os corações tricolores do primeiro ao

último dia. Ficaram as lembranças, a poesia, os Cariocas vencidos passando o trator, os Brasileiros na trave – até nos dramas fomos impecáveis. E um espetáculo de futebol exibido duas vezes por semana, num mundo sem jogos na TV, internet e palermas da obviedade.

Acordemos neste domingo nublado e silencioso, que promete muitos desfiles e alegria para os foliões. A Máquina ainda povoa nossos pensamentos, mesmo daqueles que não a viram. Até seus detratores precisam daquele sonho. Agora estamos longe demais; nossa realidade é tentar eliminar o Moto Club na Copa do Brasil. Com todo respeito ao time maranhense, é um confronto que o time de Rivellino, Doval e Caju costumava vencer por cinco ou sete a zero, sem pestanejar. Porém, os tempos são outros, super outros.

Enquanto isso, a Máquina é a nossa Holanda 1974, a Laranja Mecânica: não precisou ganhar tudo para ser inesquecível. Ou o Uruguai de 1950, ao qual vivemos eternamente abraçados por entre os tempos. A diferença é que os uruguaios vivem até hoje daquela conquista; nós, não, mas não dá para desprezar a realidade atual das Laranjeiras e do CT Castilho.

Vamos a ela. Moto Club, Ganso, Nenê, Odair, a volta de Fred e outros capítulos, pois.

WALDO, O ARTILHEIRO MAIOR

Tinha acabado de voltar de uma ótima conversa com o Maurício Gouvêa quando cheguei em casa. Saí do banho e me deparei com a notícia da morte de Waldo, o maior artilheiro da história do Fluminense – e que dificilmente será superado.

Por um instante parecia a morte de um ente querido, de alguém que ouvi falar por minha vida inteira. Quando aprendi o que era o Fluminense, saber de Waldo era a mesma coisa. Lá estava ele, ídolo do meu pai, povoando meus ouvidos e mente enquanto trazíamos Nunes e Neinha, Tulica também, até nos encontrarmos com Cláudio Adão. E cresci tendo-o como uma figura típica, inalcançável, o símbolo de um Flu eterno, que não pude ver mas herdei.

Anos atrás, trazido pelo incansável Valterson Botelho, verdadeiro homem escritor de ouro, Waldo esteve nas Laranjeiras para o lançamento de sua biografia. O eterno artilheiro encantava a todos, ainda que mal falasse o português depois de décadas radicado na Espanha. O verdadeiro mito ali estava em carne, osso e histórias diante de homens, mulheres e crianças tricolores que nunca o tinham visto pessoalmente. Foi também a última vez de Waldo no clube, o canto do cisne.

Ezio foi o mais encantador dos ídolos tricolores. Um tremendo artilheiro, um super herói. Waldo fez quase o triplo dele.

Fred é o maior artilheiro tricolor dos últimos 60 anos. Um monstro da área. Precisou bater 40 pênaltis para ficar a mais de 100 gols de Waldo.

As duas simples comparações, que em nada diminuem o tamanho colossal dos nossos dois super goleadores, dão o tamanho do maior artilheiro que o Fluminense já teve em toda a sua história. Herdeiro de colossos como Welfare e Russo, o negócio de Waldo era fazer gols nem que fosse preciso trombar um defensor adversário para o fundo das redes. Foi o que ele fez, deixando uma missão tão bem cumprida que parece de agora, de há pouco tempo. Gols, gols, gols pra todo lado, de forma tão intensa que atravessaram décadas e décadas sem ameaça da quebra de seu recorde.

O Fluminense dos anos 1950 foi feliz para sempre e cativou uma multidão que se multiplicou e formou uma eterna nuvem de pó de arroz. Waldo é, para sempre, a primeira bandeira que vaza a nuvem branca em seu caminho inevitável para a eternidade.

SOBRE MAURICE CAPOVILLA

Falecido no último sábado (29) aos 85 anos de idade, Maurice Capovilla foi um dos cineastas que emergiram nas artes brasileiras durante a ditadura militar, especialmente numa ponte que liga o Cinema Novo à estética marginal em fins dos anos 1960.

Em 1965, Capovilla dirigiu “Subterrâneos do Futebol” (homônimo do livro definitivo escrito por João Saldanha), que não somente é um marco do chamado cinema verdade, mas também é um dos grandes registros cinematográficos brasileiros – para muitos especialistas no assunto, pode ser o maior de todos. Trata-se de um curta com cenas belíssimas e impactantes, mas também uma crítica social densa.

Enquanto convida para uma reflexão profunda sobre o esporte e seus desdobramentos, “Subterrâneos” traz cenas maravilhosas que povoam o imaginário dos que amam o futebol brasileiro: o impactante desembarque da massa popular do trem a caminho do Maracanã, a entrada em campo do time do Santos com sua escalação monumental, cenas lindas da decisão do Campeonato Carioca de 1964 entre Fluminense e Bangu. Para variar, mais uma vez se vê um gol de placa de Pelé: em sua fala, já como bicampeão mundial, o Atleta do Século XX dá um show de humildade e agradece a todos no Santos, dizendo que só chegou onde chegou por causa do apoio do clube e de seus companheiros. E um treino do Palmeiras, a famosa Academia de Ademir da Guia.

Um outro grande momento do filme é uma raríssima fala de Zózimo, craque bicampeão mundial pela Seleção em

1958/62. Articulado, poliglota, Zózimo era uma espécie de ponto fora da curva no futebol e talvez tenha pago o preço por isso. Falecido precocemente num acidente de carro, ele acabou se transformando num dos mais misteriosos campeões mundiais do nosso futebol.

Maurice Capovilla era apaixonado por futebol e aos 17 anos de idade, no começo dos anos 1950, veio para o Fluminense treinar ao descoberto por olheiros do clube, que buscavam jovens jogadores em todo o país. Com ele, veio seu primo e amigo permanente de peladas, Êcio. A temporada de treinos nas Laranjeiras durou dois meses, mas Maurice acabou não se firmando e voltou para São Paulo. Já seu primo Êcio jogou duas temporadas pelo Fluminense e acabou se transferindo para o Vasco, onde se tornou ídolo, jogando no final da década de 1950 e boa parte da de 60.

Não foi o primeiro caso de um namoro entre o Fluminense e o cinema brasileiro. Anos antes de Maurice, um dos grandes craques dos juvenis do Fluminense era Paulo Cezar, que só não disputou as Olimpíadas de Helsinque em 1952 porque se confundiu à última hora, sendo substituído por um certo Vavá – o final da história, todos sabem. Paulo Cezar transferiu seu talento para as câmeras e, com uma ideia na cabeça, juntou-se a Glauber Rocha e tantos outros nomes para fundar o Cinema Novo e marcar época na cultura brasileira. Ah, sim, Paulo Cezar Saraceni.

“Subterrâneos do futebol” é um curta-metragem, mas tem a força duradoura de um grande longa, tamanha a sua intensidade. Em sua realização, Maurice Capovilla se juntou a feras como Thomaz Farkas, autor de algumas das mais

belas fotos da história do futebol brasileiro, e Vladimir Herzog.

É um filme que merece ser visto e apreciado.

Quase 60 anos depois de sua realização, ele ainda explica muito do que o futebol brasileiro tem de melhor e pior.

ALDO

O aniversariante deste 7 de setembro me leva a um momento muito especial da minha vida como torcedor. Doze, treze, catorze anos de idade. O Fluminense era o mundo e o Maracanã, o Olimpo.

Aldo chegou ao Flu em 1982. Um ano difícil, com o time campeão de 1980 sendo desmantelado. Por pouco não chegamos às semifinais do Brasileiro – havia o sonho de uma final Fla x Flu -, mas o segundo semestre foi muito ruim num Carioca que ainda era muito importante. A seguir, o péssimo brasileiro de 1983. E então, com muito esforço e seriedade, o Fluminense montou um de seus maiores times, sendo protagonista durante boa parte daquela década. Só que pouca gente se lembra de que a base do time tricampeão já estava no clube no ano anterior: Paulo Victor, Aldo, Jandir, Deley. Por isso mesmo, todos já tinham experiência com aplausos mas também muitas vaias.

Jogando seis temporadas pelo clube, em cinco delas Aldo ofereceu total segurança à lateral direita do Fluminense. Atuou por um dos grandes times da história tricolor, atuou em mais de 200 jogos, conquistou sete títulos e fez alguns gols. Sua capacidade de combate era fabulosa e seus cruzamentos, certeiros – um deles você já viu muitas vezes, quando ele coloca a bola na cabeça de Assis, para o lindo gol da final do Carioca de 1984.

Mas antes de ser o senhor absoluto da situação, Aldo escutou muitas vaias e xingamentos das arquibancadas. Não havia os faniquitos da internet, mas a pressão era forte num time desacostumado a ficar dois anos sem um título – hoje,

há quem celebre oito anos como figurante. Sinais dos tempos. O verdadeiro touro amapaense deu de ombros, acreditou em seu potencial e marcou posição na história tricolor: mais de 30 anos após sua saída, o Fluminense nunca mais teve um lateral direito com regularidade e eficiência por tantas temporadas, assunto que deveria pautar o famoso scout do clube, ou ao menos as conversas com os empresários de jogadores que têm relação duradoura com Laranjeiras. Éramos felizes, mas muitos não sabiam à época.

Ao aniversariante Aldo, todo o agradecimento pelos anos em que ajudou o Fluminense a ser gigantesco, protagonista e líder. O eterno lateral merece uma valorização à altura de seus mais de 200 jogos, de seus grandes títulos, de sua garra e força que ajudaram o Tricolor em muitas vitórias, algumas das quais falamos até hoje.

Ser garoto em 1952 no colégio interno e torcer loucamente por Castilho, Píndaro e Pinheiro, Telê e Waldo. Anos depois, Jair Marinho, Altair, Maurinho e Escurinho. Didi!

Helio Andel começou torcendo pelo São Paulo. Em certo momento se apaixonou de vez pelo Fluminense. Quando saiu da escola, era órfão de pai e mãe. Veio para o Rio e nunca mais voltou à terra natal, exceto para trabalhar.

Ganhou dinheiro, perdeu, ganhou, perdeu de vez.

Gostou de música, numa linha que passava pela verdadeira música sertaneja, Ray Charles, Wilson Simonal, o pagode carioca dos anos 1980, Jethro Tull e outras coisas.

Bebeu para esquecer a dor da morte dos pais, o irmão suicida no exílio e a derrocada financeira. Errou e acertou.

Desde aqueles dias de 1952, foi Fluminense até o fim. Não passava duas semanas sem ir ao Maracanã. Aos domingos, comprava todos os jornais possíveis para ter as informações do futebol: O Globo, O Dia, Jornal dos Sports, Jornal do Brasil, às vezes Folha e Estado.

Adorava chegar cedo ao Maracanã, antes de todo mundo, só para espiar o grande portão de ferro e mais nada. Sentado nos degraus da entrada ou num dos muitos bancos de praça que antigamente cercavam o estádio. Gostava de comprar ingressos para os garotos pobres que pediam nas filas da bilheteria, fez isso inúmeras vezes e, mesmo discretamente, se emocionou.

Se a vida pessoal foi sofrida, a esportiva foi maravilhosa. Com vinte e poucos anos viu de perto o strike do Fluminense em meados dos anos 1960 até atravessar toda a gloriosa década de 1970 e desaguar nos tricampeões de 1983-1985. Anos de glória.

Sereno, encarou a tempestade de 1996-1999 como alguém que já a previra desde 1989. E comemorou discretamente a lenta recuperação do Flu no começo do século XXI.

Quando teve um problema de saúde e precisou parar de andar, nunca mais foi ao estádio. Até poderia, mas o desgosto lhe tomou. Tinha sempre a TV à disposição para os jogos, mas sua preferência era sempre o radinho de pilha, onde tudo é mais emocionante e tem uma aura de imaginação.

Apesar de sofrer com a recente viuvez à época, comemorou muito a vitória na final da Copa do Brasil de 2007. Aquela noite diante do Figueirense foi um marco, foi o momento em que o Fluminense se reencontrou com si mesmo. O Fluminense campeão, diferente de muitas ocasiões, marcando o gol do título no comecinho da decisão, ao contrário de tantas vezes quando o Flu garantiu títulos imortais nos acréscimos da arbitragem.

O destino reavivou a história da infância, entre o São Paulo e o Fluminense: morreu a uma hora do maior jogo entre os dois clubes na história, pela Libertadores 2008. Perdeu – ou ganhou, nunca se sabe – um momento inesquecível.

Deixou dois filhos tricolores, hoje separados pelo mesmo destino. Nunca pode levar o mais novo ao Maracanã, devido ao problema na locomoção. O mais velho, ele puxou pela mão várias vezes nas velhas arquibancadas de concreto que também faleceram. Numa delas, foi com muita irritação, em pleno intervalo de jogo, numa goleada que o Botafogo aplicou no Fluminense em 1979, 4 a 0 com uma atuação de gala do craque Mendonça. Contudo, o troco viria no ano seguinte, o do jovem Flu campeão, também por 4 a 0, mas com outro protagonista: Cláudio Adão, que acabou com o jogo marcando gols.

Helio faria 80 anos neste sábado, ou faz – nunca se sabe. O amor pelo Fluminense contagiou seu filho mais velho, que acabou se tornando escritor de futebol com vários livros dedicados ao clube que acompanharam juntos, que ele não conseguiu ler mas que neles aparece como personagem. A história que começou há mais de 70 anos deu frutos e paira no ar, ainda sem previsão de término.

O destino, quase sempre irônico, reservou um Fluminense x Botafogo para este sábado, num outro Maracanã mas com a velha magia secular.

É que os clássicos são eternos.

25 ANOS AMANHÃ À NOITE

Sábado, perto da madrugada, depois de um glorioso campeonato de botão em Copacabana, na casa do Luiz.

Estou calmo. Quero dizer, quase calmo. Não posso mentir para mim mesmo: não estou calmo.

Nunca imaginei que fosse ver o Fluminense por nove anos sem títulos. Ok, ganhamos Taças Guanabara, mas não é a mesma coisa. Também não pensei que iria a duas decisões consecutivas e perderia o título. O Vasco meteu a porrada na primeira e foi melhor na segunda. Isso sem contar quantas vezes batemos na trave: 1988, 1991, 1992, 1993, 1994. A seca é um fato, não por falta de vontade ou de luta.

As próximas horas vão tremer corpos e almas. Tem Fla x Flu neste domingo, é a última rodada do campeonato e vale uma decisão. A vantagem do empate é deles, o que pode ser uma boa para nós.

Não estou calmo mas acho que dormirei tranquilo. É da minha natureza ter certa calma em momentos tensos, depois de tantas decisões. E tensão não vai faltar amanhã: eles são favoritos da mídia, mesmo não tendo vencido a gente em três jogos. As manchetes deste domingo nós já sabemos como vão ser. O Maracanã com certeza vai ter mais de cem mil pessoas e a maioria será deles, o que não faz tanta diferença porque nós costumamos gritar mais e, sinceramente, quando a gente grita, eles se calam – quem frequenta o Maracanã sabe disso.

Precisaremos de raça triplicada. Vai ser foda ter que enfrentar o Branco. Ele joga demais e é dos nossos, parece um corpo estranho naquela camisa. E vai ser foda enfrentar o Romário, que joga demais. Bom, nós temos o Renato, que está num grande momento e abraçou o Fluminense de vez. E se a gente reduziu a vantagem de oito pontos do Flamengo para um, podemos virar de vez. Por que não? Eu sempre acredito.

Penso no Maracanã e sonho com esse Fla-Flu. Tem um ar de ironia que o último jogo do campeonato também seja a decisão. Penso no passado. Nós tivemos 1941, Flávio Minuano, Assis e Assis. A gente conhece o gosto dessas vitórias, sabe o cheiro delas. Claro, é o jogo dos jogos. O que será que será?

Olhando para o teto por volta de duas ou três da manhã, buscando o sono e alguma tranquilidade. Há muita luta mas é um momento feliz. Segunda-feira tenho exame médico admissional e finalmente a empresa vai assinar minha carteira, depois de dois anos de estágio e contrato de empurra. É um grande momento. Mas hoje eu só penso no Fla-Flu, eu sonho com o Fla-Flu, eu sonho com uma vitória avassaladora que nos redima para sempre.

Já pensou se esse jogo entra para a história e a gente conquista o título? Eu vou gritar muito, vibrar muito, fazer tudo muito muito! Imagine, Fluminense campeão depois de quase uma década, com um gol do Super Ézio! Gosto muito dele, é uma pena estar na reserva devido à má fase, mas torço para que ele entre e deixe o seu. Meu sonho é até escrever um livro sobre isso, mas anda tão difícil de acontecer. Quem vai me publicar?

Só quero que o Wellerson agarre tudo, que o Lima continue anulando o Romário, que o Djair faça jogadas de alto nível e o time mantenha a garra deste octogonal. Meio a zero vale o título. Uma migalha a zero é a nossa glória. Uma só vitoriazinha. Nós já ganhamos deles duas vezes este ano, por que não três?

Dormirei em breve. Já é domingo, mas só vale quando a gente acorda. Tomara que seja um dia maravilhoso. Eu sonho com o Maracanã. Toda vez que chego perto dele eu sinto meu coração bater mais forte, mesmo passando por ali cinco vezes por semana. Isso nunca mudou. O Maracanã e a UERJ são a minha casa.

Eu sonho com o Fluminense. Sei que será muito difícil mas, por alguma razão que não sei explicar, esta madrugada está tingida por um otimismo irretocável. Se vai se confirmar ou não é outra história, mas que tem um cheiro no ar, tem.

FLUMINENSE DA MINHA VIDA

Estou calmo. Não deveria, mas estou. Depois de tantos anos sem um título, veio este último jogo que acabou se tornando uma grande decisão.

Eles são melhores? Não sei. Podem ter jogadores melhores, sem dúvida, mas futebol não se resume a isso.

Saio cedo, pouco depois do almoço. Vou encontrar o pessoal no Maracanã. Vai chover. Vai ser lindo.

Queria que meu pai estivesse comigo. Ele vai ouvir de casa. Está cansado. Eu entendo. Ele viu Didi, Waldo, Escurinho, Samarone, a Máquina inteira. Fico triste mas entendo. Ele tem direito à folga. Sente dores.

O 434 nem está cheio, sequer intranquilo. Desço na lateral da querida UERJ, atravesso o canal, logo entro e subo com a turma. Uma rampa que sempre me dá a alegria de menino. Direita, volver.

Achamos lugares tranquilamente, entre a grade da Tribuna de Honra e o escanteio. Veio uma turma da pesada: Luiz, Gomão, Flavão, Dória, Raul, a mãe dele, a irmã e mais gente. Depois vai lotar.

Nossa arquibancada é linda. Quanto somos: 40%, 35%? Não importa. Grito de lá, grito em dobro daqui. Nosso lado está ocupado, eles estão bem imprensados do lado de lá, a geral e as cadeiras são deles. Só que não ganha jogo. A torcida é deles, o empate é deles, o jogo é deles, o

campeonato todo foi deles, mas hoje é o último capítulo e não estou disposto a perder de novo.

Cem mil corações apaixonados pelo sonho da bola e sinto no peito os versos de Chico Buarque: “Minha cabeça rolando no Maracanã”.

[Ai-Jesus

Deu zebra. Somos melhores, jogamos melhor. A promessa de chuva é um dilúvio. As camisas no campo brilham de suor e água. Fazemos um gol. Eles sentem. Fazemos outro gol, eles sentem. Somos imortais! Fizemos dois a zero, eles estão perdidos. Bem, esse placar costuma ser enganoso. Estamos felizes mas sabemos que ainda falta muito. Do outro lado eles estão muito irritados.

[Queremos raça! Queremos raça!

Demos um banho de bola. Ninguém esperava.

Comemos cachorro quente e bebemos coca cola no intervalo do jogo. Sorrimos. Será que hoje é dia de ser campeão?

[Chove

Tudo é breve, todos ligam seus radinhos, o sinal ainda ecoa debaixo da grande marquise de concreto. Vai recomeçar.

Administramos bem por algum tempo. Então o árbitro marca uma falta de longe. Vem outro verso de Chico Buarque: “É desconcertante rever o grande amor”.

[Que porradaço no travessão!

Escapamos, mas uma bola botou fogo no jogo. Gol deles. A massa explode em fúria e tesão. A gente que conhece futebol sabe que, quando está dois a um faltando tempo para o fim do jogo, é sempre mais fácil o derrotado igualar do que o vitorioso ampliar. A gente corre, a gente luta, facilidade não há. Briga de bulldogues.

[Porrada. Um de cada lado pra fora

[Pense em Tyson no auge lutando com Muhammad Ali no auge: virou luta de peso pesado com doze assaltos

Não deu outra: gol deles. Golaço, com drible. Fulminante. Merda. Empataram. Vão ser campeões se o resultado persistir.

Pouco mais de quinze minutos para acabar, 70% dos nossos 35% dão no pé, não ao vice de novo. A minha turma se dispersa. O Gomão permanece. O Doria tem certeza de que o final vai ser outro. Estou inerte, sonhando com doze anos antes, um gol no último instante, quem sabe?

Damos uma porrada horrível. Caceta. Nada a reclamar, expulsão justa. E agora?

Quem sabe um super herói possa nos salvar? Epa, nós temos um. Soltem-no em campo, deixem-o viver.

Os caras não param de gritar e pular do outro lado. A gente sente o bafo de longe e retruca. O eco nos esbofeteia. Não é fácil. Davi contra Golias.

[Quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas

Eles dão um balão de novo. A gente retoma de novo e insiste. Dos pés do super herói a bola vai para a direita, um dos nossos toca para o segundo, e este encarna um Garrincha inesperado, dá dois dribles e uma porrada.

[Um segundo para o fim do mundo

[Que porradaço no gol!

[Três a dois

[E foi gol de barriga, mermão!

O Carnaval vira Ghiggia 1950. Atônito, olho para o bandeirinha e ele corre para o meio de campo. Foi gol, caralho! Abraço meus amigos por perto. Pessoas rolam nas arquibancadas elameadas. Pessoas se abraçam e se beijam. Dez degraus abaixo, um senhor ajoelhado de uns setenta anos grita “EU VIVI PARA VER ISSO!”.

Do outro lado, um silêncio de vinte e cinco mil cemitérios.

Falta pouco. Bem pouco. Hummm! Damos uma porrada horrível. Outro pra fora. O terceiro. Assim não dá. Oito contra dez?

Eles chutam, nosso goleiro pega. Eles chutam, nosso goleiro tira com o pé. Eles chutam, a gente corta de qualquer maneira. São minutos de desespero e êxtase, mas se fossem horas acho que eles não conseguiriam mudar o destino. E milhares de torcedores retornam às arquibancadas – eles

tinham ido embora, mas ouviram a voz da vitória e retornaram – no caminho da volta, encontraram os pré-vitoriosos num mar de lágrimas em nome da derrota linda e cristalina.

Não sei como estou tranquilo. Na verdade acho que estou paralisado. Não sei o que fazer. Esperei tanto tempo por este momento que, agora, ele se aproxima feito um lindo avião na Baía de Guanabara prestes a tocar o piso do Santos Dumont, do mesmo jeito que a bola nas alturas desce para beijar o gramado, mas ainda tememos pelo desfecho em vão.

A bola desce, o árbitro apita, o jogo termina. A multidão de maníacos admiráveis invade o campo sagrado e abraça a quem vier pelo caminho.

Nossos jogadores choram ajoelhados. A gente chora abraçado na arquibancada. Derrubamos o muro que nos separava da glória. Do outro lado, ainda lotado, eles aplaudem muito. Sabem que foi um momento único.

Somos imortais. Ganhamos o jogo dos jogos. Eu queria que meu pai estivesse ali, meu irmão também. Depois entendo que era tudo uma missão: ver o maior filme de todos os tempos.

Estou paralisado por tudo o que vi e vivi nesta tarde que virou noite. Hoje eu entendi o que era felicidade, hoje eu experimentei o que no futebol é amor. Vi paixão, drama, romance, aventura, desastre, salvação e um final feliz que vou carregar para sempre comigo.

Desço a rampa e me lembro de quando eu era uma criança. Aquele sentimento persiste: continuo perseguindo o

meu escudo, as bandeiras coloridas, o céu de talco, os sambas de arrepiar. Eu amo o futebol, eu amo o meu time, eu amo este jogo que jamais vai acabar.

Um dia eu vou escrever um livro sobre isso.

Em memória amorosa de Ézio Leal Moraes Filho.

A ÚLTIMA PARTIDA DE MÁRCIO BABY

Zagueiro do Fluminense entre 1992 e 1994, Márcio Baby morreu hoje no hospital, não de Covid19, mas de uma doença conhecida da vida carioca: a violência insana. Foi assassinado num assalto. Horripilante.

Jogou numa época que muitos chamam de vergonhosa, pela falta de títulos. Discordo. Apesar da seca de conquistas por nove anos, da falta de dinheiro, de grandes equipes e de dirigentes de ponta, o Fluminense não foi um figurante: disputou muitos títulos e não ganhou alguns por causa de péssimas arbitragens. Ganhamos turnos, mas isso não se comemorava à época.

A Copa Rio era uma espécie de Carioca alternativo, cujo bônus era uma vaga para a Copa do Brasil. Geralmente jogada à tarde, durante a semana e sem TV. Um campeonato cult. Na final, disputada em dois jogos, o Flu disparou 4 a 1 na primeira, mas perdeu o segundo por 1 a 0 (roubado) nas Laranjeiras e, como não havia vantagem no saldo, a disputa foi para os pênaltis. Deu Voltaço. Placar de 5 a 4, com um pênalti desperdiçado por Djair, emérito cobrador. Na saída, decepção plena e tumulto.

Curioso pensar que alguns dos derrotados daquele dia se tornariam verdadeiros heróis seis meses depois, como campeões do centenário em 1995. Wellerson, Djair, Leonardo e Ézio. Lira não jogou e parecia carta fora do baralho, mas acabou ficando. A gente nunca sabe o que vem pela frente.

O veterano craque Eduardo, lateral tricolor dos anos 1980, tinha virado camisa 10 e faria ali sua última partida pelo clube.

O grande destaque tricolor em campo foi o lateral-direito Galo, que desapareceu.

O Fluminense teve um gol erradamente anulado, acertou a trave e o goleiro Sandro pegou tudo (depois de ter ido muito mal na primeira partida da decisão). Havia um cheiro de zebra no ar e nem era daquela tarde: meses antes, o Volta havia empatado com o Flu nas Laranjeiras, com direito a ninguém menos do que Paulo Victor defender um pênalti cobrado pelo nosso Super Êzio.

O lance derradeiro do jogo foi uma cabeçada perigosa desferida por... Márcio Baby, mas o goleiro pegou de novo.

No banco tricolor, o eterno Altair segurava as pontas para a futura chegada de Joel Santana. No Volta Redonda, Wilton Xavier, símbolo tricolor dos anos 1960 com direito a gol eterno sobre a Gávea.

Márcio Baby na verdade se chamava Márcio Roberto dos Santos Ribeiro, nascido em 08 de junho de 1972. Deixou o Fluminense aos 22 anos de idade. Por muito pouco, não se tornou o herói do último título conquistado nas Laranjeiras (continua a ser a Taça Guanabara de 1993), diante de pouco mais de 1.600 torcedores pagantes, dentre eles este cronista, que precisou arrumar uma “reunião fora” para deixar o escritório e torcer nas velhas arquibancadas de Álvaro Chaves, hoje tão desprezadas.

CARLA JORGE

Ela me dava força desde os tempos do Fluminense & Etc e não foi diferente quando fundamos o PANORAMA. Uma tremenda incentivadora do nosso começo. Se conseguimos decolar e nos mantemos em pleno voo, é porque muita gente nos deu e dá força, carinho, abraços (agora virtuais).

Carla era Fluminense para toda obra. Anos atrás fomos juntos de trem para Edson Passos, depois encontramos o Duda. Qualquer jogo vazio, qualquer parada sinistra, lá estava ela de Flu Mulher sempre, um símbolo. Sempre rindo, sempre simpática.

De longe abria o lindo sorriso e a voz de locutora, com aquele leve sotaque inconfundível de carioca da Tijuca. Depois dos jogos, muitas vezes nos esbarramos nos bares do bairro, saindo a pé dos jogos.

Quando ia no Flu, era um barato vê-la. Resolvi todos os meus problemas de Sócio Futebol com ela, com incrível velocidade. Funcionária exemplar que vestia a camisa de verdade. Ao sair, quem perdeu foi o Fluminense.

Depois que me exilei na Leste, não vimos mais jogos juntos. Uma pena. Ainda a encontrei algumas vezes em nossa casa, ou o que restou dela, o Maracanã. Mas aí veio a pandemia e o até logo ficou com gosto de adeus.

Sem saber, Carla me ajudou a escrever crônicas e livros sobre o Fluminense. Seu amor pelo clube me ajudou a suavizar muita coisa, a colocar o mesmo amor acima de tudo. E quando penso nela, também penso na Fernanda, que

se foi tão jovem. Pessoas especiais que completavam o meu cotidiano tricolor.

Viajamos juntos, vimos jogos juntos, bebemos juntos e, nos últimos tempos, passamos a nos encontrar em velórios. Vamos ficando maduros, a juventude já passou mas a sensação de que há muito a fazer permanece. E isso é o que mais dói agora: Carla ainda tinha muitos jogos bons e ruins do Flu para acompanhar.

Fique bem, minha amiga, onde quer que esteja. Te agradeço, te amo, te agradeço. As suas mãos carregaram tijolos que ajudaram a erguer esta casa.

Vou sentir sua falta, especialmente naqueles jogos quase sem público. Mesmo na Leste, irei até a divisa com a Sul só pra te procurar.

Tenho certeza de que você estará lá.

Um beijo. Obrigado por ter passado em minha vida e me oferecer um Fluminense que eu vivi – e que ainda persigo, por mais que os maus homens o sabotem. Tudo tem seu tempo.

Descanse em paz.

COPA DO BRASIL 2007

Tudo passa tão rápido que, num pulo, já se vão treze anos deste título que resgatou o Fluminense no cenário nacional, abrindo grandes portas.

Por um triz não fui ao jogo. Não consegui sair cedo do trabalho para viajar.

Depois da morte da minha mãe, talvez tenha sido o único dia realmente feliz em casa com a família, eu, meu pai e meu irmão. O do título e o do dia seguinte. Eu vi o jogo na Estrela do Sul de Botafogo, com Tiba e mais uma turma de tricolores. O Deley estava lá. Acho que o Júlio Bueno também. Foi uma noite de glórias. Depois caminhamos até o clube, a Pinheiro Machado foi fechada, os desconhecidos se abraçavam. Uma lembrança maravilhosa.

Foi um Fluminense que fez tudo diferente. De quase eliminado pelo América de Natal em pleno Maracanã – sem corpo mole, mas jogando mal mesmo –, o Fluminense ia se reinventar e reverter quatro vantagens dos adversários até o título (Bahia, Athletico, Brasiliense e Figueirense) – e este não foi menos diferente pois, ao contrário da tradição tricolor, o nosso gol decisivo não foi marcado no fim do jogo, mas no comecinho.

Era o velho Fluminense de heróis anônimos e desprezados. A jogada do gol, uma das mais belas da história dos títulos tricolores, é escrita por dois arquitetos improváveis do ponto de vista midiático: Adriano Magrão e Roger. Que jogada, que gol!

Na semana anterior, saí muito confiante das cadeiras azuis após a primeira partida, representando 0,0002% do pessoal que descia a rampa. Explico: tomamos um goloço do Henrique, esse mesmo que agora está no Fluminense, já no terço final. E o empate, no finzinho com o implacável Magrão, foi uma ducha de água fria no Figueirense, que tinha a vitória como certa. Sobrevivemos. Todos sabem que perder a primeira partida da decisão da Copa do Brasil, ainda mais em casa, seria um prejuízo enorme. Aquele empate foi a reação definitiva.

Critiquei Fernando Henrique muitas vezes, por motivo justo. Na batalha final ele mereceu elogios idem – fechou o gol. No domingo entre os dois jogos finais, o Fluminense fez um treino aberto e confesso que me impressionei com a quantidade de ótimas defesas do goleiro. Pensei “Do jeito que ele tá agarrando, não vamos levar gol”. Não levamos mesmo. Ele ajudou a garantir o título.

Finalmente Renato ganhava um título de expressão como treinador, e ainda experimentaria a linda trajetória do ano seguinte, com final infeliz pela injustiça. O Fluminense era mais modesto, mais barato em 2007. Depois da Era Romário, os investimentos foram mais comedidos, mas voltariam à tona para a Libertadores. E depois do belo título o Flu ainda faria um belo campeonato brasileiro, mesmo já tendo a vaga continental assegurada.

No primeiro jogo, mais de 60 mil tricolores no Maracanã. Senhor!

No dia seguinte à vitória no Orlando Scarpelli, a multidão tricolor invadiu o Santos Dumont para receber os campeões. Teve desfile em caminhão dos Bombeiros. Renato

fazia muita pose, era divertido demais. Ainda teve chope nas Laranjeiras. Dá para contar o tamanho desta saudade? Não. Fiz o que pude.

O Fluminense era garra e sonho, drama e conquista. Era a simplicidade. Treze anos depois, é uma lição.

De lá para cá, viveu o céu, o inferno e o limbo. O ano de 2007 é uma tremenda fonte de estudo para se entender o clube, o time e o que era sua torcida.

Agora que o futebol está para voltar, os experientes jogadores tricolores precisam ajudar a resgatar a coesão da torcida com o time, mesmo com arquibancadas vazias. Vamos ver no que dá.

Ainda faltou falar de Carlos Alberto, que jogou com atitude de campeão. Thiago Neves, então uma promessa, teve desempenho formidável. O FH fechou o gol. Magrão e Roger, heróis. Ainda tinha Fabinho, Arouca, Carlinhos, Cícero, He-Man, Alex Dias, Júnior Cesar. Luiz Alberto. Claro, o Thiago Silva, inquestionável.

A NOITE AINDA NÃO ACABOU

Segunda-feira no coração de Gotham City, talvez sete e meia da manhã.

Ninguém é Fluminense impunemente, que fique explícito. A noite de ontem ainda não acabou.

Ok, precisamos voltar à realidade. Afora nosso próprio cotidiano pessoal, o do Flu inspira os maiores cuidados.

O que não falta é problema, dívida, ganância de homens maus, equívoco.

Ok.

Mas sabe quando você vem numa de horror e numa noite beija a garota dos seus sonhos? É por aí. Ou o garoto. É de cada um.

A noite de ontem ainda não acabou. Aliás, ela já está condenada à eternidade. Daqui a dez ou vinte anos vão falar desses 5 a 4 como se fala dos outros 5 a 4 de 2011 (os de ontem foram uma façanha maior), ou daqueles 7 a 1 ou do imortal 3 a 2 e por aí vai.

Não é preciso fingir que não temos defeitos no Fluminense – e são muitos – para se orgulhar do jogo de ontem. Ele foi Fluminense às vísceras e tremores do corpo: drama, paixão, incredulidade, desafio e êxtase.

Aliás, os problemas são muitos e, conforme já escrevi antes, vão piorar a partir de junho, qualquer que seja o novo

presidente. Sobram problemas, faltam propostas, tudo é muito raso e oportunista para enganar quem tenha um mínimo de vivência e bom caráter. Cheio de bichos escrotos em volta.

Mas, afinal, para que serve o futebol?

Dentre outras coisas, para tirar algum peso da vida sofrida. Dar um pouco de sentido a cada semana ou grupo de três dias. Já temos problemas demais, que tal uma boa cachacinha para a alma? Um gole só.

Esse Fluminense que a gente ama, que tropeça e se levanta, que já ganhou títulos impossíveis e já deixou escapar as vitórias mais fáceis do mundo. Que conta histórias semanalmente há quase 120 anos num país que nem se lembra do que aconteceu nos últimos 15 dias.

A noite de ontem ainda não acabou. Ela ainda vive nos trens lotados, nos cafés pingados, na boa e velha zoação das esquinas e bancas. Todos nós vamos passar por algum lugar e alguém dirá “E o Fluminense, hein? Que vitória!”.

Estamos tão longe dos nossos grandes dias de títulos que esta mesma noite é ainda maior. Talvez fosse muito mais fácil fazê-la com Tim, Romeu e Russo, ou com Rivellino, Paulo César e Pintinho, ou com Assis, Washington e Romerito. Que tal Deco, Fred e Thiago Neves? Mas não. Ela foi feita com Bruno Silva, Allan e Luciano. E com a irreverência de González. E com Diniz. Claro, tem o Pedro. Mas foi isso.

Ao contrário do que rezam os Malazartes de plantão, talvez o time do Fluminense de hoje seja mais fraco até do

que os dos anos de rebaixamento. Posição por posição, talvez poucos se salvem. Mas nenhuma comparação dessas vai diminuir o tamanho do feito de ontem. É por isso que a torcida foi à loucura, é por isso que a noite ainda não acabou. Porque ontem, mesmo combalido, mesmo longe (por ora) de grandes conquistas nessa temporada, o Fluminense conseguiu uma vitória de supercampeão. A noite em que fizemos cinco gols no tricampeão da Libertadores, comandado por um dos nossos maiores ídolos.

Quem tiver dúvidas sobre o que foi este domingo, é só ver por aí o vídeo do Thiago Silva, aquele que foi o Monstro quando jogou na nossa zaga.

A noite ainda não acabou e deve durar o dia inteiro nesta segunda-feira. Vamos celebrar, almoçar rindo, assobiar o hino no trabalho, fazer a eterna piada com os flamenguistas – que já levaram de seis do Grêmio lá certa vez. Vamos viver a essência do futebol.

Amanhã a gente volta à realidade, cobra, reclama (com justiça) e até denuncia. O que não falta é problema. Os escrotos de sempre vão tentar capitalizar o máximo para seus objetivos escrotos idem. Já conhecemos isso de longe. Que se danem.

Nas próximas horas, o grande barato é deixar o coração livre para a grande alegria.

Foi uma vitória épica e eterna. Nada vai tirar a importância disso.

Agora mesmo a Ana Paula começa o jornal e nem disfarça a alegria ao anunciar o jogo de nove gols.

Eu não dormi direito. Parece aqueles 3 a 0 no Fla-Flu de 1979. Não tenho mais lancheira, nem recreio, nem escola, nem pai nem mãe, mas sigo acreditando. Eu sempre acredito, mesmo que a lógica seja adversária forte.

Para quem torce em VT esperando a reversão de eventuais derrotas, o sonho é permanente.

Oito horas e cinco minutos. Vamos ao café.

CARBONE

A coluna que eu ia escrever nada tinha a ver com o triste tema, embora não fosse nada alegre. Resenhar o Fluminense de hoje me dá desgosto, e não é à toa que as crônicas dos jogos e as análises nas lives não são minhas: simplesmente não aguento mais ver tanta mediocridade, aliviada por otimismo sem convicção ou ainda palavras bobocas de empregados do clube. Mas como a paz é uma ilusão, interrompi meus dias sem descanso para falar de Carbone, morto há pouco.

Como jogador foi uma fera. Sobraria no futebol atual.

É comum ver muita gente que com ele esteve admirá-lo pelo bom humor e pelo caráter. Muita gente. Seu jeito bonachão, divertido, com o bigodão e a careca, era marcante.

Se o treinador Carbone não esteve à altura do jogador Carbone, o debate é válido. Mas uma coisa é certa: sem vínculos anteriores com o Fluminense, José Luiz Carbone chegou ao clube para pegar um dos maiores rabos de foguete de sua história, assumindo o cargo depois da traição de Cláudio Garcia, ídolo em campo, multicampeão e treinador que acabara de conquistar a Taça Guanabara – o primeiro dos vários títulos que aquele time conquistaria.

O Fla x Flu do retorno era um jogo de vingança natural, mas eles venceram de virada e já arrancaram para o pré-campeonato, só que em vão: no triangular final, no último lance do Fluminense antes de ser eliminado da disputa do título, a elegância mortífera de Assis virou o

mundo de cabeça para baixo. Com isso, o Fluminense ganhou um dos grandes títulos de sua história.

No Brasileirão do ano seguinte, Carbone saiu no meio do caminho e Parreira levou o Flu ao título com atuações implacáveis. Depois, o treinador teve mais duas passagens efêmeras pelas Laranjeiras, mas seu nome já estava eternizado na galeria dos imortais de 1983.

Carbone tinha acabado de descobrir um câncer fulminante e se foi. A imagem que fica dele é a do divertido campeão que contrariou todos os prognósticos da imprensa, num tempo que parece ter sido outro dia mas já vai fazer 40 anos daqui a pouco. E quando Carbone vai embora, fica um aperto nostálgico por conta daquele time que, seis meses antes, sequer existia e tinha outro treinador. Tudo foi muito rápido.

Pessoalmente, ao pensar em nomes como os de Carbone, Assis, Washington, Renê e, anteriormente, Zezé, eu me sinto cada vez mais sozinho ao perceber que as minhas referências da infância estão indo embora, porque o tempo não para e a vida é assim. Agora, será que eu não vou ter direito a novos nomes de vitória? O Fluminense precisa construir novas histórias, porque os garotos de hoje merecem títulos e vitórias, não o conformismo dos figurantes. O que os meninos de hoje dirão daqui a 40 anos?

Aos amigos e parentes de Carbone, o abraço sincero de quem foi um garoto feliz quando, à beira do campo, ele liderou Ricardo, Branco, Deley, Tato e todo mundo para um campeonato de ouro, quando o futebol do Rio era reluzente demais.

FLUMINENSE, 118 ANOS

Num sábado à tarde de muito tempo atrás, o Fluminense perdeu para a simpática Portuguesa da Ilha por 2 a 1. Gols de Rico, torcedor tricolor. Na volta para casa, um garoto carregou no metrô a linda bandeira que sua mãe havia costurado para ele. A tristeza ficou de lado quando perto de saltar e pegar a baldeação na Rua São Clemente, ele pensou: “Quando é o próximo jogo?”. Meses depois, aplaudiria uma das maiores equipes da história do clube. Perto de outros garotos, acompanharia o Fluminense para sempre.

Muito antes disso, o aniversariante deste 21 de julho já tocara o terror pelas pradarias, ora vencendo partidas teoricamente impossíveis, ora conquistando títulos todos como improváveis para cientistas curtos e apagados. Até quando não ganha, surpreende como na semana retrasada, obrigando o time mais caro do Brasil a jogar uma decisão que já considerava desnecessária.

Ao longo do tempo, o Fluminense espalhou vanguarda e história: não fundou o futebol brasileiro, mas o reinventou, dando-lhe régua e compasso para sair da brincadeira e ganhar o mundo. Germinou a Seleção Brasileira que até hoje (mais pelo passado) causa suspiros pelos continentes. Virou modelo mundial desportivo, campeão mundial de futebol e em cada gramado espalhou suas vivências: Rua Guanabara, Álvaro Chaves, Lagoa, São Januário, Maracanã.

Ganhou títulos aos montes, respeito de muita gente boa, inveja dos pobres de espírito. Mosca na sopa, desafiador de definições, quebra-firma. Queimou as línguas de jornalistas desafetos, virou jogos quando menos se esperava.

Venceu, viveu, perdeu, foi para o umbral, espatifou a sala e voltou ao mundo dos muito vivos.

Na última década, o Fluminense fez menos do que dele se espera. Ora figurante, ora em riscos sucessivos de rebaixamento, vítima de um modelo de gestão ultrapassado, com muitos factóides e resultados sofríveis. E precisa se reinventar. New blood. Gás novo. Mas é um momento que precisa – e vai – passar, porque ao contrário do que alguns pensam, o Flu só tem um dono: sua torcida, que, reunida no Maracanã, proporciona um dos mais belos espetáculos de luz e cor em todo o Rio de Janeiro.

O grande Fluminense está por todas as partes. Dos engraxates humildes da Praça Tiradentes, passando pelos garotos da Zona Sul, os engravatados corporativos do Centro ou os velhinhos antenados de Santíssimo. Num descanso de tela, num escudinho pintado à mão por um menininho, numa camisa oficial que uma linda mulher desfila num passeio pela Lagoa Rodrigo de Freitas. Num toldo esparramado no chão, cheio de laranjas descascadas ou in natura.

Mais lembranças, nos sonhos, na força que nunca seca.

Quando preciso, rema contra a maré e a ilógica, vide a luta recente contra a sandice da volta do futebol.

Num país onde, a cada quinze anos, seus habitantes se esquecem do que aconteceu nos últimos quinze anos, viver cento e dezoito não é para qualquer um. Portanto, o Fluminense é especial, é uma raridade.

Todo torcedor é importante. Ninguém é melhor do que ninguém porque tem um site ou muitos livros publicados, ou porque passa o dia vendendo bobajadas em microblogs. O que ergueu o castelo social do Fluminense foi o coletivo, a torcida, a massa cercada de bandeiras e pó de arroz. A massa aflita do último momento, do lance capital. O garotinho carregando a bandeira tricolor costurada por sua mãe, pouco importando a inesperada derrota porque o que importa mesmo é o próximo jogo, o próximo jogo, o próximo jogo.

O Fluminense é apreço em torno de causas, é verve coletiva, é imaginação e desafio. Audácia. Elegância sem empáfia, sexy sem ser vulgar, talento sem arrogância. E quando há dúvidas sobre o hoje e o amanhã, um de seus maiores poetas pode ter seus versos recortados para saudar a paixão onde as três cores são nome. Diz Cartola: “Fim da tempestade/ O sol nascerá”.

São 118 anos. Uma vida de muitas vidas. Ainda há muito a fazer e escrever (sem copiar e colar).

A SERENÍSSIMA NOITE NO MARACANÃ

SAÍ do trabalho às seis e meia, louco para voltar ao Maracanã. Mesmo com tudo diferente e contrário, é o que tenho feito nos últimos 40 anos.

Gosto de jogos com menos público, contra times mais modestos. Sempre gostei. Fui a muitos clássicos com mais de cem mil pessoas, agora me divirto de outra forma.

Uber: 15 minutos de espera. Desisti. Metrô Carioca. Pensei em saltar na Afonso Pena e pegar o 433 que deixa na porta do Bellini. A linha 2 fica muito cheia e deixa na UERJ. Podia saltar em São Cristóvão, não gosto.

Uma chuvinha na Afonso Pena, um grandão gritando e rodando derruba um senhor de idade na porta do supermercado. Muita gente acudiu, felizmente.

Veio o velho 433. A motorista, loura, simpática, me deu boa noite ao embarcar. Beleza. Bom... Entrou na Gabizo e, sabe-se lá o motivo, deu de virar na Mariz e Barros. Deu tumulto e merderê no ônibus, voltar era impossível, saltei e resolvi ir a pé. Utaqueparal!

Olho ao lado, o moço fala comigo na caminhada. Um grandão. Chama-se Marcos, não vinha ao Maracanã há 25 anos, pois morava na Região dos Lagos. Andamos até a esquina do Maracanã, trocamos um abraço de sorte, ele conhecia o PANORAMA, que barato! Foi para a F, camarotes. É?

Grades psicodélicas no Bellini, você vai e volta torcendo contra a labirintite. Desta vez, o louco que grita “Leste inferior, leste inferior, leste inferior” 30 vezes por segundo não estava.

O sunsete me convence, quase implorando, a entrar pelo Leste Mais: “Você vai gostar, aqui tem mais gente, lá está deserto”. Ri. Dei uma força. Melhor que comprei dois cachorros e uma coca.

Andei para a direita e encontrei o Lenyr na arquibancada. Temos visto jogos juntos desde 2018, uns 15. Por incrível que pareça, o Flu nunca perdeu nesta amostra. Incrível. Mas a vida não perdoa distrações: splooooft! O copo de coca em cima da cadeira azul e os 400 ml da cara bebida vão ao concreto. Os cachorros estavam gostosos. Tudo bem.

Chegam o Vinicius e o Miguel, pequenino. Tiramos fotos, começamos a ver o jogo. Eu fui o Miguel um dia, o Vinicius foi meu pai um dia. Eu vou ao Maracanã também para procurar meu pai, num estádio que é outro, num tempo que é outro e sigo as dicas de Kfourri: começou a partida, volto a ter onze anos de idade. Por um instante, todos são Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens; Deley, Gilberto e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. Nelsinho. Podia ter Miranda, Cléber, Carlinhos, Fumanchu, um pouco antes.

O Marcos Felipe, sempre seguro, Matheus Ferraz também. A bola sai sempre bonita. Nenê indo e vindo. O problema é que a Portuguesa cresce e tenta o gol, fica mais tempo no nosso campo. O Miguel vendo tudo com seus olhos infantis de cinema. Ele é o futuro. Intervalo, zero a zero, melhor não falar do ataque.

Vem a Gabriella, linda que só ela, simpática que só ela, inteligente que só ela. Senta conosco, conversa, ri. Ela está em seu aquário natal, foi criada no estádio. Depois volta para ciceronear o primo, linda que ela só, os filhos absolutamente tricolores. Simpatia.

O que nos restava? O último vestígio do velho Maracanã: migração para o ataque. Que saudade daqueles tempos lá em cima! Deu certo: sentamos, o 31 sofreu pênalti, Nenê bateu com categoria. Logo depois o Gilberto fez o segundo, desafogou tudo, virou mar da tranquilidade. Tinha entrado o nosso outro Miguel, que acabou com o jogo e distribuiu categoria, um garoto de 16 anos. Eu, que tenho 11, arregalo os olhos pra ver lances de categoria e vejo nele os mesmos traços de muita gente boa que levou o Fluminense aos céus. Ele precisa ficar dez anos nos clube, foda-se que é impossível.

O jogo acaba. Só deu Miguel no campo e na arquibancada. Eu pensei que daria cinco mil pessoas, veio o dobro. Antes do fim, Fausto Fawcett, Toni Platão e Dado Villa-Lobos riam de tudo e trocavam apertos de mão – eles também tinham ali 11 ou 12 anos de idade, talvez vendo Dionísio, Rivellino ou Doval, ou o canto do cisne de Dirceu Lopes. O futebol é isso: você voltar a ser criança e se apaixonar para sempre.

Lenyr foi pra casa, deixamos o nosso Miguel na casa da avó, eu e Vinicius fomos comer o succulento cachorro quente da Dias da Cruz, do saudoso Gaúcho. Vários tricolores por lá. Depois o carro passa pela Radial Oeste, sinto tristeza pelos crackers, vejo a UERJ como em “Luzes da Cidade”, depois passamos pelo Sambódromo deserto e logo chego em

casa. Foi uma noite de paz com velhos e novos amigos. Penso na alegria do Marcos, que não vinha ao Maracanã há 25 anos. No Miguel do campo e do nosso Miguel sentado e atento a todas as cores do Maracanã. Ah, Gabriella!

Não acendo a luz. Linda, Marina sorri e diz “O Fluminense venceu!”. Antes de tomar um banho e aproveitar para chorar pelo meu pai, eu lhe dou um beijo e sorrio. Eu vi o futuro repetir o passado. Aquele Fluminense de 1982 ainda vai crescer e dar no que falar, só precisamos de tempo.

Antes do banho, muitas mensagens tricolores no Whatsapp. Tanta gente feliz que se lembra de mim nessa hora, como não ser também feliz por uma noite? Meu pai está comigo. Falta apenas a pizza da Bella Blú.

SOBRE O AUTOR

Cronista regular do Correio da Manhã e do Museu da Pelada, Paulo-Roberto Andel publicou mais de 30 livros e concorreu ao prêmio Oceanos Itaú Cultural em 2020. É editor do site Panorama Tricolor, onde publicou mais de 1.000 colunas desde 2012, e um dos escritores de futebol mais publicados no Brasil no século XXI.



ÉTUDO NENSE